

O Modelo Mestre-discípulo/a de Jesus e seu Movimento

The Master-disciple Model Jesus and his Movement

Por J. Jairo de Carvalho

Especialista em Assessoria Bíblica (EST)

Militante do CEBI

jjairooc@bol.com.br

Resumo:

Neste artigo, pretendemos discutir quais critérios nos ajudam a avaliar nossa fidelidade ao seguimento de Jesus de Nazaré, assim como Ele e seu movimento discerniram. Cientes da não existência de uma graduação de importância entre os critérios que listamos e de que tal assunto é inesgotável, citamos: a abertura crítica aos demais movimentos sociais, a cura da pessoa por inteiro e a negação da manipulação dessa cura, a ética e o igualitarismo oriundos do comer na mesma mesa, a oração como sustentáculo dos objetivos e a dialética entre a opção pessoal e coletiva. Estes critérios formam o que chamaremos de modelo pedagógico mestre-discípulo/a de Jesus e seu movimento.

Palavras-chave:

Jesus. Pedagogia. Mestre-discípulo. Cura. Comensalidade. Oração.

Abstract:

In this article we discuss what criteria can help us to consider (or to assess) our faithful to the following of Jesus of Nazareth, in the way He and his movement discerned. Knowing about the non-existence of an important graduation among several points listed and that this subject is unlimited, we quote: open criticism of other social movements, the healing of the whole person and the manipulation of this healing, the ethics and egalitarianism present in the proposal where we eat at the same table, prayer as the mainstay of the objectives and the dialectic between personal choice and collective. These criteria form what we call the master-disciple pedagogical model of Jesus and his movement.

Keywords:

Jesus. Pedagogy. Master-disciple. Cure. Diner. Prayer.

Todos os movimentos sociais cristãos se dizem portadores de uma metodologia, de uma mística, de uma práxis baseados na vida e nos ensinamentos de Jesus. Como reconhecer a fidelidade a Ele? Só nos Evangelhos podemos encontrar respostas a essa indagação. Sugerimos, então, a análise do modelo pedagógico mestre-discípulo/a proposto por Jesus, a partir do testemunho dos seus discípulos-mestres os quais passaram pelo crivo da fidelidade a esse modelo que orienta nossa militância.

A lâmpada para nossos pés

Nosso material de pesquisa, os Evangelhos, não pode ser classificado como uma categoria literária historiográfica e nem biográfica, mas sim evangélica (*euangélion* = *boa notícia*). Tal estilo

literário, segundo Crossan¹, contém três camadas: a primeira seria a de **'retenção'** com palavras, atos e acontecimentos importantes da vida de Jesus; a segunda, a de **'desenvolvimento'**, registraria atitudes de Jesus diante de fatos inusitados; ainda teríamos a camada de **'criação'** onde se desenvolvem conteúdos teológicos. Importante é que no *desenvolvimento* deste testemunho literário os discípulos/as-mestre compreendiam que *"o discípulo não é maior que o mestre"* (Lc ???). Esta perspectiva é fundamental para nosso estudo, pois nele depositamos a fé de que os discípulos/as-mestre do movimento de Jesus um dia se tornariam mestres assumindo a proposta de Jesus e não traindo seus ideais.

¹ CROSSAN, John Dominic. *O Jesus Histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 30.

Devo apoiar-me nas pesquisas sobre o 'Jesus histórico' mas terei como legítimas de inclusão na prática pedagógica de Jesus as leituras feitas por seus seguidores/as a respeito dele. Se Crossan utilizou apenas o que ele chamou de camadas literárias de "retenção" dos evangelhos², para ser fiel a sua metodologia de pesquisa acadêmica que sempre parte do primeiro estrato, isso podemos compreender e aceitar. Mas transportar o limite da pesquisa de Crossan para o que propomos desenvolver neste trabalho seria no mínimo ingênuo, pois são nas camadas de "desenvolvimento" que podemos encontrar como os discípulos/as entendiam o mestre, sendo essa perspectiva vital a nossa abordagem.

O ser mestre e o ser discípulo em Israel

Na atividade pedagógica mestre-discípulo³ da Palestina (província romana), podemos ver que o mestre sempre estava rodeado de seus discípulos no momento do ensino. A técnica usada era a transmissão oral-repetitiva para melhor assimilação dos ouvintes. Ainda hoje no Brasil, escutar e repetir histórias faz parte da atividade intelectual de imensas populações iletradas da zona urbana e rural, o que faz garantir a preservação da memória e da resistência da identidade destas populações.

A explicação da Sagrada Escritura para alguém é o que motiva o aparecimento do mestre e a necessidade dele existir. Ao discípulo era confiada a missão de falar o que ouviu do mestre (Is 50,4). O discípulo deveria se moldar ao mestre, prestar-lhe obediência e jamais contestá-lo. Deveria escutar seu mestre para onde ele fosse e para isso, moraria na cidade do mestre; a conduta irrepreensível do discípulo conquistaria o bem querer de seu mestre. O estudo da *torah* deveria ser feito comunitariamente. Portanto, para o discípulo, a atividade pedagógica mestre-discípulo não se limitaria somente a aprender do mestre, mas também a servi-lo.

Para o mestre, ter discípulos era como gerar um filho. Ser discípulo de um mestre era como nascer de novo. A relação mestre-discípulo era

como a relação pai-filho, dessa relação brotava nova vida. O mestre (pai) representaria a *shekhinah*⁴ (a presença de Deus), a imitação do mestre pelo discípulo (filho) perpetuaria esta presença. A relação mestre-discípulo se espelha numa relação familiar e num desdobramento da ação divina.

Essa relação pedagógica se desenvolveu num povo no qual a grande maioria era pobre e, por isso, excluída do culto no Templo de Jerusalém por ser considerada impura pela elite que se dizia guardiã das normas de conduta. Essa impureza era contraída nos hábitos mais corriqueiros do dia a dia das pessoas; isso gerava uma verdadeira indústria de expiação dos pecados que gerava riqueza aos sacerdotes do Templo.

A grande maioria também era excluída de sua terra-herança; perdiam-na por endividamento crescente devido aos altos tributos ou, eram expulsos pelo exército romano de ocupação. A elite, que fazia o jogo do império, tinha os impostos amenizados e suas terras resguardadas.

A grande maioria era excluída da alimentação, eram massas de famintos, pois o trabalho pago era escasso; muitos dependiam das esmolas do Templo ou das frentes de trabalho do rei Herodes; no interior os famintos se submetiam ao trabalho escravo (filho pródigo). Eram corriqueiros os levantes de marginalizados que formavam bandos para seguir algum bandido, messias ou profeta. A elite jerusalomita não conseguia controlar estes levantes. A ideologia dessa elite sacerdotal que se beneficiava do Templo era hegemônica no Sul da Palestina, entretanto, ao Norte podemos encontrar vestígios de outra tradição bem mais popular.

No ciclo de Elias-Eliseu⁵ (880 a 840 aC) percebemos que na tradição nortista houve uma prática profética que unia profetismo com curandeirismo. Fortemente ligada ao Êxodo, nela também encontramos a questão da sucessão missionária e profética do mestre Elias para seu discípulo Eliseu, que acaba recebendo o dobro do poder do mestre (2 Rs 2,9-10).

A água, elemento fundamental para a vida de toda a Palestina, poderia ser recebida por benção

² CROSSAN, 1994, p. 32.

³ DE BRITO, Jacil Rodrigues. *A relação mestre-discípulo nas tradições judaica e cristã*. Petrópolis: Vozes, 2001.

⁴ DE BRITO, 2001, p. 149.

⁵ CROSSAN, 1994, cap. 8.

através da expiação dos pecados no Templo de Jerusalém erguido pela dinastia davídica (1Rs 8,35-36). No Norte, a ação de Elias e Eliseu controlava as águas da chuva (1Rs 18,41-45), destronava e entronizava reis (1Rs 19,19-21) e ainda realizava todo tipo de curas para pobres e ricos, conterrâneos e estrangeiros. Essa atividade profética era uma declaração clara da total desnecessidade do Templo de Jerusalém para o reino do Norte (Israel). “O controle sobre a chuva e a saúde – quer ele seja exercido através da magia ou do milagre, da oração ou do ritual, de um profeta ou do Templo – significava, portanto, o controle sobre o pecado e o mal”⁶.

A prática de Jesus e do seu movimento (nortistas) se estabelece nesse contexto social. Para Theissen⁷, o movimento era formado por dois grupos de posturas diferentes em assumir o chamado de Jesus: os *carismáticos itinerantes* e os *simpatizantes* que residiam nas cidades e lugares.

O movimento de Jesus

O cristianismo primitivo é marcado pela liderança dos *carismáticos itinerantes* que não eram defensores de formas institucionalizadas de se organizar. Mesmo diante do cenário projetado por Lucas de um colegiado organizador do cristianismo nascente (At 1,12ss), Paulo encontrou apenas a Pedro em Jerusalém (Gl 1,18). Essa contradição fez Theissen acreditar que os outros discípulos/asmestre estavam andarilhos, fazendo suas pregações e curas pelas comunidades⁸.

Os carismáticos itinerantes marcaram toda a tradição sinótica, onde se inserem os ditos (*logos*) de Jesus. Caracterizavam-se pela radicalidade do seguimento a Jesus, num *etos* de não possuir pátria (Mc 1,16ss; 10,28ss; Mt 8,20), família (Mc 10,29; Lc 14,26; Lc 8,19-21), posses (Mt 10,10; Lc 16,13; Mt 6,19ss) e proteção (Mt 5, 38.41).

O radicalismo da prática de Jesus e do seu movimento, de onde tiramos o testemunho na tradição sinótica, só poderia ser mesmo experimentado por uma forma de vida marginal,

liberta de tudo que prendia ao cotidiano mundano. Só no meio de marginais se pode compreender a exortação para abandonar o pouco que se tem e ter os lírios e os pássaros como exemplo de desapego aos bens materiais. Não é de admirar que ao movimento adentrassem doentes, deficientes, prostitutas e desocupados.

Presos ainda as estruturas do judaísmo, e por isso não conseguindo viver a radicalidade da proposta de Jesus e do cristianismo nascente, encontramos os *simpatizantes* das comunidades locais, sem os quais ficaria difícil de entender os *carismáticos itinerantes*. O observamos na casa da sogra de Pedro (Mt 8,14), na casa de Maria e Marta (Lc 10,38), na casa de Simão, o leproso (Mc 14,3). Quem sabe foi daí que nasceram os primeiros núcleos do cristianismo, apesar do livro de Atos citar com proeminência os grandes núcleos urbanos como Jerusalém (At 1), Cesaréia (At 10, 1), Ptolemaida (At 21,7), Tiro e Sidom (At 21,3), Antioquia (At 11, 20) e Damasco (At 9,10).

Os *simpatizantes* sedentários eram menos radicais que os *carismáticos itinerantes*. No decorrer do processo se viram diante de problemas que tiveram de resolver⁹: **i) a regulamentação da conduta:** não podiam ter a mesma liberdade diante da lei judaica que os *carismáticos itinerantes* tinham; não viam na lei, nos fariseus, nos sacerdotes e no Templo apenas contradições, mas espaços legítimos de viver a fé (Mt 5,17; 23,1; 5,23; Mc 1,44). Entretanto, sabiam estar numa posição superior a tudo isso (Mt 17,26; 5,23; 6,1), pois compreendiam as ambigüidades daquelas estruturas (Mt 23,3) e buscavam a “*justiça excedente*” (Mt 5,20). Portanto, havia um *etos* diferenciado entre *sedentários* e *itinerantes*. **ii) Estrutura da autoridade:** no início era completamente desnecessária, pois, os problemas podiam ser resolvidos por um *itinerante* que por ali passasse ou pela pequena comunidade (Mt 16,19; 18,18.20); com o crescimento das comunidades, se faz necessária a figura de um dirigente o qual, evidentemente, dividirá a influência com os *itinerantes*; talvez as divergências entre Tiago e Pedro, um sedentário e outro itinerante, respectivamente, possam ser melhor entendidas sob essa ótica. **iii) Processo de**

⁶ CROSSAN, 1994, p. 177.

⁷ THEISSEN, Gerd. *Sociologia do Movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 1989, p. 16.

⁸ THEISSEN, 1989, p. 17.

⁹ THEISSEN, 1989, p. 23.

admissão e exclusão: era regulamentado pela própria comunidade local; o batismo, inicialmente rito de expiação dos pecados, passou a ser rito de entronização na comunidade (Mt 28.19); para os itinerantes isso era dispensável, pois a vocação mesmo já lhe garantia a pertença ao movimento; em Mt 18,15ss encontramos regras de exclusão dos que não perseveravam – admoestação pessoal, diálogo em presença de duas testemunhas e exclusão diante da assembléia da comunidade.

Não podemos ignorar a presença, no meio dos *simpatizantes*, de gente da elite e até mesmo de estrangeiros, dentre os quais: Nicodemos, José de Arimatéia, Zaqueu, as mulheres ricas, o centurião romano, a mulher Cananéia, entre outros; estes abençoados pelo bem que Jesus lhes fez, com certeza não se limitaram a dizer apenas ‘obrigado’, mas passaram a manter algum tipo de relação (*simpatizantes*) com o movimento de Jesus.

O modelo mestre-discípulo/a e discípulo/a-mestre de Jesus

Somente em meio às pessoas, como foram caracterizadas acima, poderia nascer uma pedagogia aparentada, mas mesmo assim diferente do tradicional modelo *Mestre e Discípulo* dos rabinos da Palestina romana. Jesus e seu movimento vão experimentando uma formação, uma estruturação e uma capacidade de convencimento que aos poucos vai delineando uma nova pedagogia, na qual denominamos seus sujeitos de *mestre-discípulo/a e discípulo/a-mestre*, inspirando-nos em Paulo Freire.

O que os faz diferentes é o fato deles acreditarem que numa situação de ocupação estrangeira e de traição por parte dos líderes da nação, os excluídos poderiam desenvolver relações solidárias de convívio (...*vende tudo que tens, dê aos pobres e segue-me*), através do reconhecimento de suas próprias potencialidades (...*tua fé te salvou*), bem como do exercício radical do perdão (...*sete vezes setenta*) como critério periódico de autoavaliação dos limites inerentes a cada um deles.

Tal vivência da fé-partilha-perdão não constituía uma idealização rabínica desvinculada das possibilidades de execução do seu público alvo, pelo contrário, a proposta de Jesus e do seu

movimento era real, era experimentação mesmo, era tocar, sentir, cheirar, degustar, ver, transcender; daí o convite “*vinde e vede*”.

Produções de sentido contemporâneas a Jesus

Todos os períodos históricos de Israel nos fazem ver tribos, movimentos, classes sociais, comunidades, pessoas fazendo-se sujeitos e elaborando conhecimento em sucessivas releituras do seu passado, em vias de melhor entenderem e transformarem o seu presente, para atingirem um futuro mais feliz. Tal conhecimento é produzido a partir da consciência que todos possuem de si mesmo e de sua situação no mundo. Assim, a história revolucionária do êxodo, a tradição das festas e dos costumes que mantinham viva a memória da libertação, a crença em Iahweh, o Deus aliado dos oprimidos, tudo isso mantinha acesa a certeza de que aquela miséria pela qual passavam não era desígnio divino, mas representava uma violação ao projeto de Deus.

O movimento profético elaborou toda uma epistemologia ligada ao javismo autêntico que foi desembocando na consciência do monoteísmo (dêutero-Isaías), atrelado a uma *Lei* moral exigida pela *Aliança* com *Iahweh*. O cumprimento da *Lei* e a fidelidade a essa *Aliança* garantiriam a salvação do povo.

Numa situação de profunda crise que abatera os judeus durante a dominação grega, surgem os apocalípticos fazendo uma produção epistemológica que levava os seus para a esfera divina, onde melhor compreenderiam a esfera terrena e, assim ganhariam a consciência de que *Iahweh* comanda a história pois irá garantir a vitória dos filhos da luz sobre os filhos das trevas. Ora, isso enchia as ‘comunidades’ apocalípticas de esperança e vigor frente ao imperialismo estrangeiro.

Os movimentos messiânicos populares¹⁰ do período romano admitiam que seus líderes fossem reis (*messias*). Podemos citar: Judas, filho de Ezequias, Simão e Atronges (todos ~ 4 aC), bem como Simão Bar Giora (68-70 dC) e Bar Kokeba

¹⁰ HORSLEY, Richard. HANSON, John. Bandidos, *Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 91.

(132-135 dC). Ora o importante é a leitura que os integrantes destes movimentos faziam a respeito do messias davídico. Para eles o messias não era tão somente um descendente de Davi, mas sim, aquele agente de Deus que libertaria e restauraria a sorte de Israel, como o fizera Davi, mil anos antes.

A produção de sentido de Jesus e do seu movimento

A prática de Jesus e do seu movimento, com seu método mestre-discípulo/a, também fez uma releitura das tradições de Israel (nova Páscoa), de sua história (novo Êxodo), de sua aliança com Iahweh (novo mandamento), de sua fé (o Filho do Homem). Tal apropriação do conhecimento tinha a consciência de colocar o homem e a mulher no centro das atenções e não a lei: “O sábado é para o homem e não o homem para o sábado”; essa consciência e a práxis advinda dela lhes assegurava autoridade: “Ouvistes o que foi dito, eu, porém, vos digo...”.

Essa consciência epistemológica os diferenciava dos demais movimentos ao ponto de lucidamente criticarem seus posicionamentos: “Um reino dividido não terá sucesso contra o rei inimigo”, sobre os levantes messiânicos que não se articulavam entre si, cegos pela ambição do poder; “Ai de vocês, professores da lei e fariseus, hipócritas... Cobras venenosas, filhos de cobras! Como esperam escapar da condenação do inferno?” (Mt 23,29-36), sobre a terrível e excludente lei da impureza, defendida pelos fariseus e a má vontade dos escribas de perceberem os sinais de Deus; “É preciso que ele cresça, e eu diminua” (Jo 3,30), dito na boca de João Batista¹¹ é um apelo aos batistas para que sigam o exemplo de seu mestre e, assim amenizem as dificuldades de diálogo entre os dois movimentos, o dos batistas e o dos cristãos.

Apesar de toda releitura querer ser inovadora e pretender esgotar¹² a reserva-de-sentido do fato-revelação, a produção epistemológica da prática de Jesus e do seu movimento se mostra aberta a várias influências e, a reparações de posturas: “Lembrem-se disto: Estas coisas vão acontecer antes de morrerem todos os que agora estão vivos. O céu e a terra desaparecerão, mas as

minhas palavras ficarão para sempre.” (Mc 13,30), “Jesus respondeu: Sim, pois eu vi Satanás cair do céu como um raio...” (Lc 10,18), “Jesus continuou: Vocês são daqui de baixo e eu sou lá de cima. Vocês são deste mundo, mas eu não sou deste mundo...” (Jo 8,23), estas e muitas outras passagens mostram a influência que o movimento de Jesus teve dos apocalípticos. Assim o movimento se fez entender junto ao povo pois era este o seu jeito de raciocinar.

Noutro momento “Jesus respondeu: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Mas ela... pôs-se a rogar: Isso é verdade, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos!...” (Mt 15,21-28), com esta resposta a Mulher Cananéia convence Jesus, e seus discípulos/as, a mudar sua postura de querer limitar o programa de libertação do Reino de Deus somente aos muros de Israel. Noutro episódio, o mestre Jesus e seus discípulos/as, perceberam, novamente, o alcance de sua missão e, assim, frente a atitude do centurião romano, reconheceram a todos: “Em verdade vos digo que, em Israel, não achei ninguém que tivesse tal fé.” (Mt 8,10). São belíssimos episódios a nos mostrar a produção de uma teoria e de uma prática construída mediante o diálogo com o outro, com o diferente, com o estrangeiro, numa abertura sincera ao convencimento.

Mas será que toda essa produção epistemológica “ecumênica” seria suficiente e bastaria para alcançar o contorno social que Jesus e seu movimento conseguiram no primeiro século da era comum? Cremos que outros pontos contribuíram para isso como a proposta executável de uma nova forma de convivência e estrutura social, que se contrapunha ao que estava até então estabelecido. Essa proposta centrava-se no curandeirismo, na comensalidade, na mobilidade e na oração.

O curandeirismo

Enquanto o banditismo contestava o poder político, o curandeirismo contestava o poder espiritual. O curandeirismo seria uma religião insubordinada, perseguida e mais ligada às classes menos favorecidas da sociedade. Há quem diga que a religião seja fruto da posição humilde e resignada do ser humano frente aos desígnios de Deus,

¹¹ COTHENET, Edouard. *Os Escritos de São João e a Epístola aos Hebreus*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 41.

¹² CROATTO, Severino. *Hermenêutica Bíblica*. São Leopoldo: Ed. Sinodal. São Paulo, Ed. Paulinas, 1985, p. 31.

enquanto que o curandeirismo seria a vontade-tentativa de controlar os fenômenos naturais-divinos¹³.

O embate é notório entre o Templo e o curandeiro, aquele tentará defender sua posição ridicularizando a este através da acusação de mentiroso. Os seguidores do curandeiro verão nele um milagreiro e lhe conferirão autoridade.

Sobre as narrativas nos evangelhos da atividade curandeira de Jesus é necessário uma questão destacar. Nas fontes dos evangelhos teríamos as *coleções de sentenças*, *coleções de milagres* e uma *narrativa da paixão*. Enquanto na primeira existem vários textos paralelos, na segunda os textos são quase todos independentes, no máximo existem dois paralelos, salvo as exceções. A tendência seria dizer que os relatos de milagres seriam acréscimos criativos tardios. Crossan defende o contrário: “Os milagres estariam sendo expulsos da tradição já num período bastante antigo e, nos casos em que foram mantidos, passaram por um cuidadoso processo de interpretação”¹⁴. O Jesus curandeiro, além de ser atacado pelos seus opositores, teria sido difícil de ser compreendido pelos seus seguidores.

Apesar desse limite, o embate entre o Jesus curandeiro e o Templo fica bem percebido na perícopes que conta o episódio da “cura de um leproso” (Mc 1,40 = Mt 8,1-4 = Lc 5,12-16). A função do sacerdote no templo era de encaminhar o ritual da purificação e declarar a pessoa purificada (Lv 13-14). Ora, nesta perícopes Jesus mostra que possui esta autoridade e dela faz uso: “*eu quero, sê purificado*”. No trecho “*como uma prova para as pessoas*” (lit. “contra eles” – os sacerdotes), Jesus se mostra como outra via possível, aberta ao povo que procura a expiação dos pecados, torna desta maneira o templo desnecessário, apesar de não desmerecer a norma mosaica.

Na perícopes que relata a cura de um paralisado que foi descido pelo teto até Jesus, devido a multidão que se avolumava em torno da casa (Mc 2,1-12), fica claro a associação da doença ao pecado. Na época as pessoas se preocupavam muito em pagar os impostos e assim mal sobrava

para se alimentar. Sem recursos, o povo ia adoecendo e as autoridades religiosas aproveitavam para afirmar que tal doença era devida aos pecados do povo. Essas mesmas autoridades se incumbiam de purificar o mesmo povo doente através do pagamento de mais taxas. Imagine só o ciclo vicioso a que estava sujeito essa sociedade. Ora, se a doença era um castigo divino, aquele que cura reabilita o pecador e mostra ter poderes divinos. Jesus assim usava o próprio jeito de pensar das autoridades para desmascará-las.

No episódio da cura de um cego (Mc 8,22-26), contada somente por Marcos, provavelmente por causa da técnica curandeira de Jesus de usar o “*cuspe*”, o milagre tem um aspecto privado: acontece “fora da aldeia”. Crossan adverte que Jesus nunca tocava em pessoas possuídas, para estas ele usava uma voz de comando. Já para os enfermos, Jesus usava o “toque” como um ritual de cura, desobedecendo deliberadamente a lei.

A comensalidade

Crossan defende que nas perícopes que narram a missão dos doze e dos setenta (Tomé 14,2; Lc 9,1-6; 10,1,4-11; Mt 10,7,10b,12-14; Mc 6,7-13), encontraremos a profundidade¹⁵ da proposta de Jesus e do seu movimento. É impressionante a presença da proposta de comensalidade. Essa seria a estratégia de Jesus para reconstruir a comunidade camponesa e bater de frente no “sistema de honra e vergonha, apadrinhamento e clientelismo”.

Não se tratava de dar ou receber esmola, mas sim um compartilhar do poder espiritual e material num ambiente popular. Crossan defende que aí está a essência da prática de Jesus e seu movimento: o igualitarismo. Ao oferecer a cura e o Reino os discípulos receberiam uma mesa e uma casa. A inclusão da frase “*o operário merece seu salário (ou alimento)*” já representaria uma fase posterior do movimento, o da sedentarização, caracterizado pela escolha de bispos e diáconos fixos para substituir os profetas itinerantes.

Crossan associa o sucesso de Jesus e do seu movimento a aspectos da antropologia e da medicina. ‘Doença’ seria a patologia, ‘enfermidade’

¹³ CROSSAN, 1994, cap. 13.

¹⁴ CROSSAN, 1994, p. 348.

¹⁵ CROSSAN, 1994, p. 370.

é como a ‘doença’ chega à consciência do indivíduo e ‘moléstia’ é a leitura que a sociedade faz do fato. A ‘enfermidade’ personaliza e a ‘moléstia’ socializa a doença. Aí tudo se relaciona: a natureza, o sobrenatural, a sociedade e o indivíduo. É esse aspecto pessoal, familiar, local e psicológico da cura que deu sucesso a Jesus e seu movimento e pelo qual as pessoas curadas trataram de aumentar ainda mais a ação simbólica da atividade curandeira de Jesus. A proposta era de salvar o homem todo.

Inicialmente Jesus buscou as “casas” dos ambientes rurais, pois é o termo comum a fonte Q e a Marcos. A ida para as cidades seria uma conseqüência inevitável do seu movimento num período posterior. A negação do alforje e a prática da comensalidade garantiriam a recusa a autosuficiência de qualquer um do movimento.

O termo “curar” também está presente nas perícopes. Em Marcos contem um ritual: “um óleo” (lembra do cuspe?) que é omitido em Mateus e Lucas. Na evolução do movimento, o “curar” foi perdendo espaço para o “ensinar” (1 Co 9,12; Did 13; 1 Tm 5,18).

Jesus e seu movimento anunciavam a presença invisível do Reino de Deus, cuja única resposta é o arrependimento e a fé. Marcos por já ter citado o Reino em 1,14-15 se limitaria a enfatizar apenas o arrependimento em 6,12. O Reino se torna visível ao se compartilhar a cura e a refeição.

A mobilidade

Para Crossan a mobilidade proposital de Jesus (Mc 1,35-38) teria o intuito de evitar triunfalismos territorialistas que poderiam surgir através de uma estrutura hierárquica de intermediários (apadrinhamento). A casa da sogra de Pedro não poderia se tornar um centro de romarias com Pedro e sua família intermediando o acesso do povo às curas de Jesus. Isso não seria igualitário. Esse também deve ter sido o pano de fundo do embate entre Jesus e sua família em Nazaré. Por isso era necessário sempre peregrinar de um canto para o outro e enfatizar que a cura oferecida era ação de Deus e não dos discípulos, nem do próprio Jesus (Lc 10,16 = Mt 10,40 = Jo 12,44b) e, apesar de Jesus os ter como iguais, era-lhes necessário

lembrar que por isso mesmo deveriam peregrinar para a mesma sorte (Lc 6,40; Mt 10,24-25).

A oração

O saber produzido no modelo mestre-discípulo/a de Jesus e do seu movimento policiou muito bem as tentações de cair no pragmatismo. Eles e elas conseguiram uma verdadeira *práxis* revolucionária libertadora, diria Paulo Freire.

No recolhimento sossegado, no deserto inspirador, na oração esclarecedora com o *Abba*, era mantida acesa a indignação frente à desumanidade a qual as pessoas estavam sujeitas (se entendiam como cachorrinhos, endemoniados, impuros). A oração ajudava a ver quão profundo era o seu comprometimento com tais pessoas. Não era uma reza alienada de suas possibilidades, por isso, não levantava falsas esperanças (análise do fracasso de outros movimentos populares). Mas também era nela que se estabeleciam estratégias de ação pública, peregrinações, fugas, contatos (análise de conjuntura), bem como se alimentavam com a memória histórica dos seus conterrâneos (Jesus, Moisés e Elias, no monte com Pedro, Tiago e João – Mt 17). Reconheciam seus próprios limites para poder superá-los (a tentação no deserto). Uma análise do Pai-Nosso, feito por J. Jeremias¹⁶, nos fará perceber essa dinâmica.

“*Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou a seus discípulos*” (Lc 11,1). Este pedido do discípulo/a ao mestre mostra como era importante ter no conteúdo da oração, na maneira de rezar, um símbolo identificador dos membros do movimento entre si o qual os distinguisse dos demais movimentos contemporâneos de Jesus como o dos fariseus, dos essênios, dos batistas, entre outros. Portanto, isso explicitaria a forma de viver uma comunhão diferenciada com Deus¹⁷.

Para J. Jeremias “este ‘abba’ é ‘ipsíssima voz’ (maneira original de falar) de Jesus. Ele encerra o

¹⁶ JEREMIAS, J. *O Pai-Nosso: a oração do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1981.

¹⁷ “Pai querido, que teu nome seja santificado. Que venha o teu Reino. Dá-nos hoje nosso pão de amanhã. E perdoanos nossas dívidas como nós também, ao dizermos estas palavras, estamos perdoadando a nossos devedores. E não nos deixes sucumbir à tentação”.

essencial de sua mensagem e a afirmação de sua missão” (p. 38). As primeiras palavras que uma criança judia aprendia era ‘abba’ e ‘imma’ (papai e mamãe). Temos aí um termo da casa, da família, da intimidade do lar, raríssimo de ser encontrado na literatura judaica para designar a Deus. Entretanto Jesus a usava freqüentemente e, com o poder de um mestre, comunicava a seus discípulos/as o direito de assim se referirem a Deus. Era desta maneira que Jesus os entronizava no desfrute da filiação divina.

“*Santificado seja o teu nome, venha o teu reino*” tem seu paralelo no culto sinagoga, bem conhecido de Jesus na hora de se rezar o *Qaddish*. Apesar de toda miséria e do aparente triunfo do mal sobre o bem, o mestre Jesus ensina a seus discípulos/as a confiar na promessa de Deus. Rezava-se este verso já experimentando a presença salvífica de Deus.

“*Dá-nos hoje nosso pão de amanhã*”. Este ‘amanhã’ está intimamente ligado com a chegada do Reino, onde se comerá do ‘pão da vida’, do ‘maná celeste’. Mas veja que o pedido é para ‘hoje’. Portanto o mestre ensina aos discípulos/as que cada refeição que fazem é alimento necessário para o corpo mas já é também vivência da grande ceia escatológica.

“*E perdoa-nos nossas dívidas como nós também, ao dizermos estas palavras, estamos perdando a nossos devedores*”. Com Jesus inaugura-se o tempo messiânico, e nesse momento a grande dádiva a ser recebida seria o perdão. Os discípulos/as têm consciência de que somente o perdão gratuito de Deus pode resgatá-los de seus inúmeros pecados e dívidas. Mas a oração do mestre mantém seus discípulos em alerta com relação ao exercício do perdão, pois, é na reconciliação com os irmãos e irmãs que os discípulos/as poderão experimentar o perdão de Deus.

“*E não nos deixes sucumbir à tentação*”. Depois de tantas certezas de que Deus é Pai, de que a glória final já começou, de que o pão e o perdão já são oferecidos, o mestre Jesus alerta para que seus discípulos/as não se iludam com triunfalismos irresponsáveis, e o faz mostra a realidade da condição humana na qual a tentação sempre está presente, e assim, os faz pedir para não cair diante dela.

Importante é perceber quão importante foi esse distanciar-se, através da oração, do conturbado esquema de opressão a embriagar tanto ao mestre Jesus como a seus discípulos/as na vontade de experimentar o imediatismo de práticas que só levariam a uma fama banal. Isso garantiu a eficácia das atitudes e da práxis de Jesus e do seu movimento.

A tomada de decisão

Uma última questão ainda se faz necessária, entre outros itens que outras pessoas possam suscitar sobre o assunto. Trata-se da decisão pessoal de Jesus em ter feito as coisas do jeito que quis fazer assim como nos contam os evangelhos.

Jesus não fez teologia para anjos e nem apelou para princípios adotados por uma ou outra escola superior de moral. Sua teologia se apresenta na vida mesmo, direta e sem intermediários (...*ouvidos que ouçam; se sabem entender os sinais da chuva...*). Não vivia de embates acadêmicos, também não tinha medo de enfrentá-los. Suas palavras são direcionadas para a vida, onde a decisão das pessoas os afasta ou os aproxima elas mesmas de Deus e dos seus semelhantes (Mt 5,24.34.39; 6,3).

Jesus age como profeta e assim é visto pelo povo (*Quem dizem que eu sou?*), mas traz algo de novo, de diferente. Também é considerado por outros como um *rabi* (mestre), por causa da autoridade com que ensinava e por reunir discípulos ao seu redor. Mas também possuía discípulas e não se limitou apenas a fazer mais uma interpretação da *toráh*, pelo contrário vê também a vontade de Deus se manifestar no bem que se pode fazer à vida das pessoas. Seus discípulos/as são escolhidos entre aqueles em que nenhum *rabi* com juízo perfeito escolheria. Sua doutrina vem do “bom senso e da sã razão”¹⁸.

Jesus não aparece com formulações doutrinárias pomposas e surpreendentes. O ensinamento verdadeiro para ele já está dentro das pessoas, assim como do horizonte de compreensão delas. Ele parte do que o povo já sabe mesmo achando que não sabe por causa do sistema

¹⁸ BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 62.

legalista judaico e colonial romano que os empurra para a ignorância: “*tudo quanto quiserdes que os homens vos façam, fazei-o vós a eles*” (Mt 7,12; Lc 6,31). Ora todo mundo nasce com essa sabedoria, Jesus só os faz reconhecer esse saber deles e passa a cobrar dos homens e mulheres uma resposta-decisão diante deste conhecimento.

O seu sentimento de filiação com Deus lhe garante autoridade para relativizar a lei, deslocando-a do centro de importância e colocando no seu lugar o homem e a mulher. Traz assim “*uma doutrina nova*” (Mc 1,27) que não desmerece a velha, pelo contrário, a radicaliza e a veste com seu verdadeiro sentido: “*ouvistes o que foi dito...EU porém vos digo*”. Assume as conseqüências dos seus atos e ditos e não se recusa a divulgar suas idéias até nos ambientes que lhe são mais hostis como o templo e a casa dos fariseus nos momentos quando convidado para uma refeição.

Boff¹⁹ nos lembrará que Jesus conhecia bem as pessoas amigas e inimigas, as tratava pelo que eram (fariseus, publicanos, viúvas, prostitutas, crianças) e não as rotulava com outros estereótipos. Para cada uma delas tinha uma palavra ou um gesto. Por isso seus seguidores diziam: “*ele não tinha necessidade de que alguém desse testemunho do homem, pois conhecia o que havia no homem*” (Jo 2,25).

Tentando Resumir

Podemos afirmar que o paradigma epistemológico do modelo mestre-discípulo/a de Jesus e de seu movimento está centrado em quatro pilares. **Primeiro:** a abertura crítica às correntes de pensamento dos demais movimentos da época e entre as próprias pessoas que compunham o movimento de Jesus. Imaginem a crise do movimento na hora de sentar na mesma mesa um publicano (Mateus) e um simpatizante dos zelotes (talvez Pedro); aqui se manifesta a pedagogia do conflito; Jesus não estava diante de movimentos e pessoas boazinhas e fáceis de serem convencidas e em tudo dispostas a ajudar; Jesus estava diante de movimentos que disputavam o poder à maneira deles e teve que trabalhar com pessoas que traziam em si uma carga enorme de preconceitos.

Segundo: trás uma nova prática de convivência e de estrutura social centrada na cura e na mesa, onde todos se fazem iguais. Fez da mesa de alimentação partilhada o sinal maior de sua presença entre aqueles que adotariam sua prática mesmo sem nunca ter o visto e, cobrou de todos o combate a tentação de regionalizar, particularizar, individualizar e assim limitar a proposta do Reino de Deus que deve ser exatamente o contrário: universal, comunitária, coletiva e aberta.

Terceiro: a oração como momento de reavaliação da prática, confirmação da missão, retotalização da história e aproximação do Querido Pai (*Abbá*). Colocando o Reino de Deus como algo “*por vir*” (Mc 1,15) ao mesmo tempo em que “*já está no meio de nós*” (Lc 17,21), Jesus aponta para uma utopia radical futura que movimenta o gênero humano, mas que se alimenta de mediações históricas concretas (gestos, palavras, ações, ritos) que nos servem de aperitivo para o grande banquete que teremos no Céu.

Quarto: a própria questão pessoal de Jesus ter sido quem ele foi: decidido, autêntico, apaixonado e comprometido com a causa dos empobrecidos. A coerência disso se manifesta na sua recusa de pregar a si mesmo, mas sim ao Reino de Deus, numa linguagem simples e valorizando os pequenos gestos das pessoas como pequenos *flashes* da presença desse Reino em suas vidas. A prática de Jesus encarna o propósito amoroso de Deus-Pai para com os pobres. É no exercício do perdão e do acolhimento dos irmãos e irmãs que podemos experimentar a bondade salvífica de Deus (Lc 6,35).

Já o afirmamos antes, mas queremos repetir que outros pontos podem ser considerados na análise do modelo pedagógico mestre-discípulo/a de Jesus e do seu movimento. Esperamos que os pontos por nós aqui levantados sirvam para manter esse debate acerca de nossa fidelidade a Jesus sempre atualizado e fervoroso.

[Recebido em: julho de 2011,
aceito em: agosto de 2011.]

¹⁹ BOFF, 1986, p. 70.